

**DESAFIOS DO EMPREENDEDORISMO FEMININO: um levantamento com  
mulheres empreendedoras**

***CHALLENGES OF FEMALE ENTREPRENEURSHIP: a survey with women  
entrepreneurs***

Bruna Pedezzi – brubspedezzi1@gmail.com

Faculdade de Tecnologia (Fatec) – São Carlos – SP – Brasil

Lilian Segnini Rodrigues – lilian.rodrigues01@fatec.sp.gov.br

Faculdade de Tecnologia (Fatec) – São Carlos – SP – Brasil

**DOI: 10.31510/infa.v17i2.863**

Data de publicação: 18/12/2020

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo analisar como as mulheres empreendedoras lidam com a família, os problemas e as demandas profissionais do mercado e quais as dificuldades que elas enfrentam nesse processo, fazendo ainda uma diferenciação entre aquelas que não são mães e aquelas que são. Para tanto, foi aplicado um questionário a mulheres empreendedoras da cidade de São Carlos e região. Parte-se da hipótese de que é plenamente possível para a mulher ser mãe e, paralelamente, lidar com sua vida pessoal, sua família e com os desafios inerentes ao seu negócio, porém, o esforço que ela terá que fazer para isso é muito grande. O questionário foi enviado de forma online para as mulheres empreendedoras e obteve 35 respostas. Conclui-se que os desafios que essas mulheres enfrentam são grandes e um deles é o fato delas terem que conciliar todas as demandas familiares com as profissionais. A hipótese previamente levantada foi confirmada.

**Palavras-chave:** Mulheres empreendedoras. Empreendedorismo feminino. Mães empreendedoras.

**ABSTRACT**

This paper aims to analyze how women entrepreneurs deal with their families, the problems and professional demands of the market and what difficulties they face in this process, also differentiating between those who are not mothers and those who are. To this end, a questionnaire was applied to women entrepreneurs in the city of São Carlos and region. It is based on the hypothesis that it is fully possible for women to be a mother and, at the same time, to deal with their personal life, their family, and the challenges inherent to their business, however, the effort that she will have to make for this is very big. The questionnaire was sent online to women entrepreneurs and obtained 35 responses. It is concluded that the challenges that these women face are great and one of them is the fact that they have to reconcile all family demands with the professionals. The previously raised hypothesis was confirmed.

**Keywords:** Entrepreneurial women. Female entrepreneurship. Entrepreneurial mothers.

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente, as mulheres vêm lutando para ocupar uma boa posição social e cargos mais elevados no mercado de trabalho, já que sempre foram discriminadas com relação aos homens na sociedade e, como consequência, no ambiente corporativo. Com o passar do tempo, a mulher conquista cada vez mais o seu espaço no mercado de trabalho.

A inserção das mulheres na atividade econômica teve seu momento de esplendor a partir da década de 1970. No Brasil, neste período, era forte a expansão da economia devido à industrialização e urbanização que acontecia desde a década de 1940. Assim, a entrada das mulheres no mercado de trabalho no Brasil coincidiu com o processo de desenvolvimento que alterou a economia e a sociedade brasileira, permitindo com que as mulheres disputassem ocupações com os homens (LEONE; TEIXEIRA, 2010).

Desde então, o empoderamento das mulheres no mundo dos negócios torna-se notório devido à competência, luta e força feminina para se inserir no mundo do empreendedorismo. No entanto, apesar de todas as conquistas, no ano de 2003 somente 37,7% das mulheres brasileiras exerciam alguma atividade remunerada, comparando com os homens cujo percentual de empregados/trabalhadores era de 62,4% (IBGE, 2012).

Em que pese as mulheres estarem ocupando cada vez mais o seu espaço no empreendedorismo, são evidentes as barreiras impostas a elas. Gomes, Santana e Silva (2005) tratam essas barreiras como culturais, por exemplo, na Alemanha, não é comum o homem ficar em segundo plano na família; na Suíça existe uma norma cultural na qual a mulher que trabalha fora mostra que o homem não é capaz do provimento do sustento da família; na Itália as mulheres abandonam seus empregos por causa do casamento; e em Portugal a cultura é que se casem e exerçam o papel de mães. Para Gomes (2004) a mulher que trabalha fora tem notória dificuldade em conciliar o tempo entre: família, casa e filhos, sendo que essa dificuldade não se apresenta ao mundo masculino.

Portanto, a relevância do tema e a necessidade de manter aceso o debate acerca da conquista das mulheres, apesar das dificuldades ainda inerentes a essas conquistas, justifica o desenvolvimento desse trabalho. Diante desse contexto, o objetivo deste artigo é analisar como as mulheres empreendedoras lidam com a família, os problemas e as demandas profissionais

do mercado e quais as dificuldades que elas enfrentam nesse processo, fazendo ainda uma diferenciação entre aquelas que não são mães e aquelas que são. Para tanto, foi aplicado um questionário a várias mulheres empreendedoras da cidade de São Carlos e região.

Parte-se da hipótese de que é possível ser mãe e, paralelamente, lidar com sua vida pessoal, sua família e seu negócio, porém, o esforço que a mulher terá que fazer para isso é muito grande. O artigo está estruturado em cinco seções, sendo essa introdução a sua primeira seção. Na sequência estão a (2) Fundamentação Teórica, os (3) Procedimentos Metodológicos, os (4) Resultados e Discussões e as (5) Considerações Finais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No passado, as mulheres tinham seu papel definido e sua presença se dava somente no espaço doméstico. De acordo com Macedo (2002), a mulher tinha como símbolo a roca, representando o isolamento, e o homem tinha como símbolo a espada, representando as tarefas no campo. Macedo (2002) afirma que se o valor do dote colocasse em perigo a estabilidade financeira da família, essas mulheres eram levadas a mosteiros para tornarem-se freiras.

Segundo uma pesquisa de Moreira (2005), na Era Medieval, tanto na realeza quanto nos campos, nos momentos em que os homens da família se ausentavam, as mulheres eram obrigadas a tomarem conta da administração das terras. Todavia, este fato ocorria apenas quando eles iam às guerras ou se ausentavam por viagens, deste modo, ao retornarem destas viagens, as mulheres reassumiam seu antigo posto. Existiam também as mulheres artesãs, que tiveram um importante papel na economia urbana medieval, pois executavam fiação da seda, tecidos de lã ou chapéus, além disso, tosavam, penteavam, cardavam e retiravam as irregularidades dos tecidos.

Na França, com a Revolução Industrial, o número de mulheres empregadas aumentou consideravelmente, pois, segundo Perrot (2005), as fábricas precisavam de mão de obra e precisava ser barata, então as mulheres tiveram a oportunidade de se inserir no mercado de trabalho. Em 1861, as mulheres já eram a maioria das funcionárias, representando 51% dos operários. Porém, elas eram vistas como “dóceis” e fáceis de manipular.

Especificamente no Brasil, Moreira (2005) afirma que, em 1808, com a vinda da Família Real às terras brasileiras, o cenário, que antes era de total desprezo pela participação das

mulheres na vida em sociedade, começou a mudar, dando espaço para elas frequentarem teatros, festas e recepções da família real, mesmo que sempre acompanhadas.

Durante a Era Vargas, exatamente em 1934, foi dado às mulheres o direito ao voto, mostrando à sociedade um avanço na igualdade de gêneros e que, a partir de então, elas começariam a fazer parte das decisões sociais exercendo a sua cidadania (MOREIRA, 2005) e, em 1980, as mulheres ganharam mais evidência por conta do surgimento da Comissão Nacional da Mulher Trabalhadora, na Central Única dos Trabalhadores (CUT). Amorim e Batista (2012, p. 4) comentam essa quebra de tabu, afirmando que “a cada geração, novos padrões de comportamento vão se tornando aceitáveis. A sociedade evolui e com isso diminuem as diferenças entre o que as mulheres podem fazer e o que está reservado aos homens”.

Segundo Proni e Proni (2018), por mais que a divisão de gêneros no trabalho esteja mudando e as mulheres passando a ocupar cargos elevados, a diferença salarial ainda existe. As mulheres vivenciam um fenômeno chamado “teto de vidro”, que é uma barreira invisível que, apesar de sutil, é ao mesmo tempo forte (SANTOS; TANURE; CARVALHO NETO, 2015). Assim, elas enfrentam obstáculos diferentes para a ascensão de cargos e salários. Essas barreiras mostram o preconceito social contra a mulher. Para Lima et al. (2013) esse fator do preconceito é marcante quando se trata de incluir as mulheres nas decisões organizacionais, pois existe uma cultura patriarcal no qual os interesses masculinos são dominantes.

Para Santos, Tanure e Carvalho Neto (2014) existem duas vertentes (modelos) que explicam esse fenômeno que enfatiza a discriminação. Um modelo é quando o empregador prefere contratar um homem. O outro modelo é a discriminação estatística, que supõe que existe uma marca na qual a produtividade da mulher é menor que a do homem. E, apesar do avanço que temos nos dias de hoje, onde a mulher passa a ocupar cada vez mais cargos elevados, o equilíbrio está longe.

Foi constatado, segundo uma pesquisa do GEM (2016), que as mulheres começam a empreender mais por necessidade do que por uma oportunidade. Intensificando o fato delas não acharem uma oportunidade melhor no mercado de trabalho ou precisarem complementar sua renda. O relatório do Empreendedorismo no Brasil 2010 traz uma análise interessante da real situação do empreendedorismo feminino no Brasil.

As mulheres investem no empreendedorismo pela mesma razão que os homens, ou seja, visando o sustento de si mesmas e de suas famílias, o enriquecimento de suas vidas com uma carreira e pela independência financeira. É importante ressaltar o fato

que a participação feminina no empreendedorismo varia de maneira significativa no mundo, porém geralmente é inferior à masculina (GEM, 2010 p. 45).

Quental e Wetzel (2002) se dedicaram a estudar e investigar o equilíbrio entre vida profissional e vida pessoal para mulheres empreendedoras brasileiras, abordando aspectos de relacionamento com o companheiro, filhos, pais ou parentes idosos, amigos, cuidados pessoais e lazer. Os autores concluíram que essas mulheres optaram pela atividade empreendedora pela razão da flexibilidade e autonomia, buscando conciliar as demandas familiares com o trabalho. As mulheres tendem a serem muito envolvidas psicologicamente com o trabalho, e gastam horas pensando no sucesso ou fracasso do negócio.

Já os estudos de Strobino e Teixeira (2014) apontam que ser empreendedora é uma maneira ter um equilíbrio entre trabalho e família, tendo maior controle do tempo. Um estudo de Silva (2006) nos mostra que um novo pai surge com a inserção das mulheres trabalhando. Um pai que quer ser participativo e ao mesmo tempo um executivo de prestígio.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo é classificado como uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, já que a hipótese inicialmente levantada é averiguada tanto em termos estatísticos (percentuais) quanto em relação a uma compreensão mais profunda de determinado grupo social (mulheres empreendedoras). Com relação aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, pois visa a proporcionar maior familiaridade com o assunto para maior conhecimento ou para construir hipóteses (SOUZA et al., 2013).

O objetivo é analisar como as mulheres empreendedoras lidam com a família, os problemas pessoais e as demandas profissionais do mercado e quais as dificuldades que elas enfrentam nesse processo. Para tanto, foi aplicado um questionário a várias mulheres empreendedoras da cidade de São Carlos e região. Parte-se da hipótese de que é plenamente possível para a mulher ser mãe e, paralelamente, lidar com sua vida pessoal, sua família e com os desafios inerentes ao seu negócio, porém, o esforço que ela terá que fazer para isso é muito grande.

O questionário foi online, através do *Google Forms*, possui 12 questões e foi enviado a 35 mulheres empreendedoras através de e-mails e redes sociais. Procurou-se abordar questões gerais a todas as mulheres acerca dos desafios inerentes ao empreendedorismo, ao passo que

também é feita perguntas específicas às mulheres que possuem filhos, de modo a permitir uma comparação.

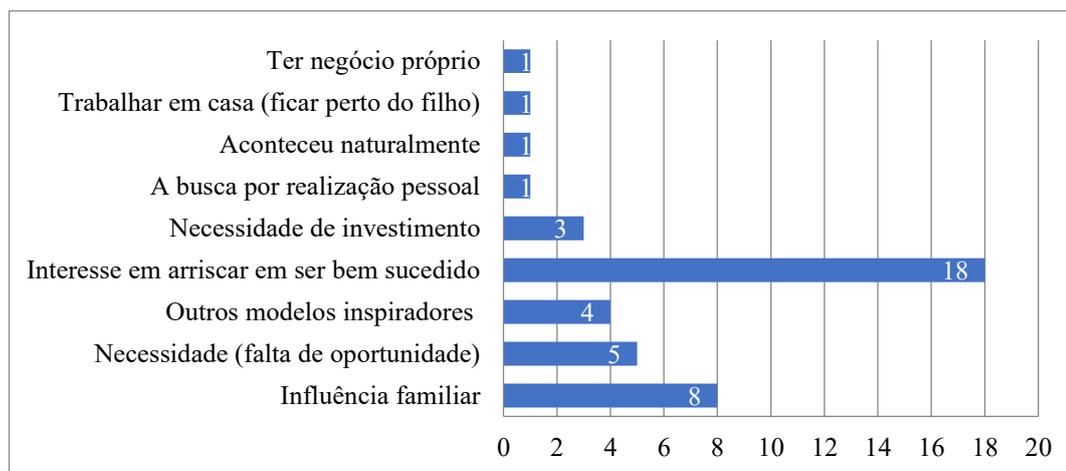
#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O empreendedorismo no Brasil é bastante desafiador e, em especial para as mulheres, acarreta dificuldades para além das comuns a todos os empreendedores. Essa afirmação, além de ser recorrente na literatura, foi comprovada também nesta pesquisa, que procurou identificar, através da aplicação de um questionário a 35 mulheres empreendedoras, quais são seus desafios e suas percepções acerca do empreendedorismo e da desvantagem delas em relação aos homens.

A maioria das mulheres questionadas está na faixa de 29 a 39 anos (47,1%) e a maioria é casada ou mantém uma união estável (70,6%). Segundo uma pesquisa do SEBRAE (2018) a faixa etária das empreendedoras brasileiras são de 35 a 45 anos e 41% são casadas, mostrando que a amostra das entrevistadas se enquadra nos dados do SEBRAE. O questionário também abordou o período em que essas mulheres são empreendedoras.

Com os dados observa-se que a quantidade de anos que essas mulheres são empreendedoras varia bastante. A maioria é empreendedora entre 3 a 5 anos (26,5%) e apenas 8,8% é empreendedora há menos de 1 ano. Assim, podemos afirmar que se trata de uma amostra experiente no empreendedorismo e, a maioria (91,1%) já passou pelo período do primeiro ano. E 41,1% já passou pelo período de 5 anos no qual, de acordo com o IBGE (2019), 60% dos empreendedores encerram suas atividades.

No questionário foi abordado qual foi a motivação das mulheres para o empreendedorismo. As participantes podiam indicar mais de uma opção. Estes dados são apresentados no Gráfico 1.

**Gráfico 1 – Motivos que levaram ao empreendedorismo**

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020)

Através das respostas, chega-se à conclusão que a maioria das mulheres (51,4%) quis arriscar e tentar ser bem sucedida. Percebe-se, também, que 22,9% dessas mulheres é empreendedora por influência da família, e 14,3% é empreendedora por falta de oportunidade. Estes dados mostram que a maioria das mulheres quer ser reconhecida, ter seu espaço na sociedade e serem bem sucedidas. O que acontece, muitas vezes, é que a sobrecarga de trabalho e outros problemas se tornam grandes desafios para o sucesso de muitas mulheres.

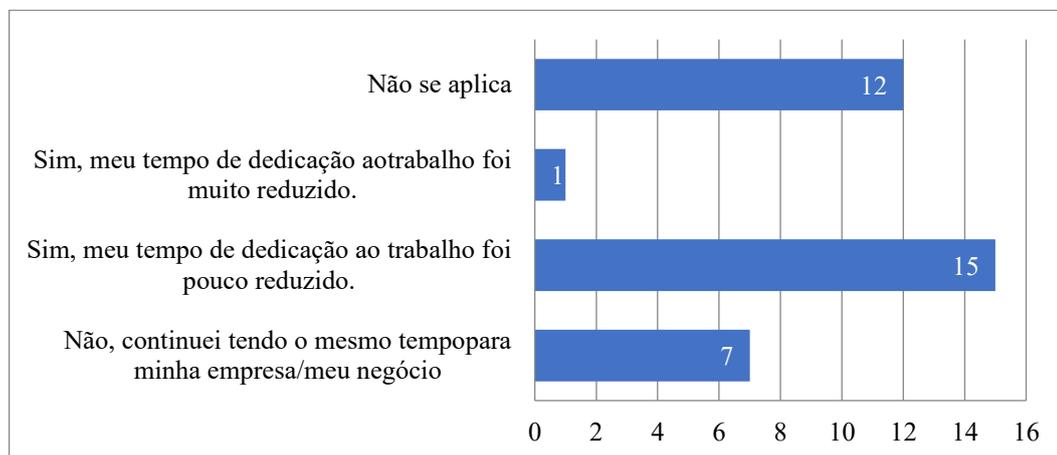
Na questão 5 foi abordada a questão da maternidade, buscando saber a quantidade de filhos que estas mulheres possuem. Os dados mostram que 68,57% das mulheres empreendedoras têm pelo menos 1 filho e 31,42% não têm nenhum. De acordo com Strobino e Teixeira (2014), muitas mulheres optam por não ter filhos para não criarem conflitos entre o trabalho e os filhos.

A questão 6 é específica às mães e diz respeito à quando as entrevistadas começaram a empreender, buscando entender especificamente se elas começaram a empreender antes de terem o(s) filho(s) e 37,5% respondeu que “sim”. Devido a ser um trabalho mais flexível, mas não menos desafiador, algumas mulheres optam por empreender para conseguirem conciliar o trabalho e a família.

A questão 7, também específica às mães, buscou compreender se houve mudança na rotina da mulher com a chegada do(s) filho(s). Conforme é possível observar no Gráfico 2, 69,6% responderam que o tempo de dedicação ao negócio foi reduzido. Isto comprova que é mesmo um desafio para as mulheres conciliar o negócio com a família, e que a dedicação que

as mulheres precisam ter para com suas famílias acaba reduzindo o tempo que elas têm para os negócios.

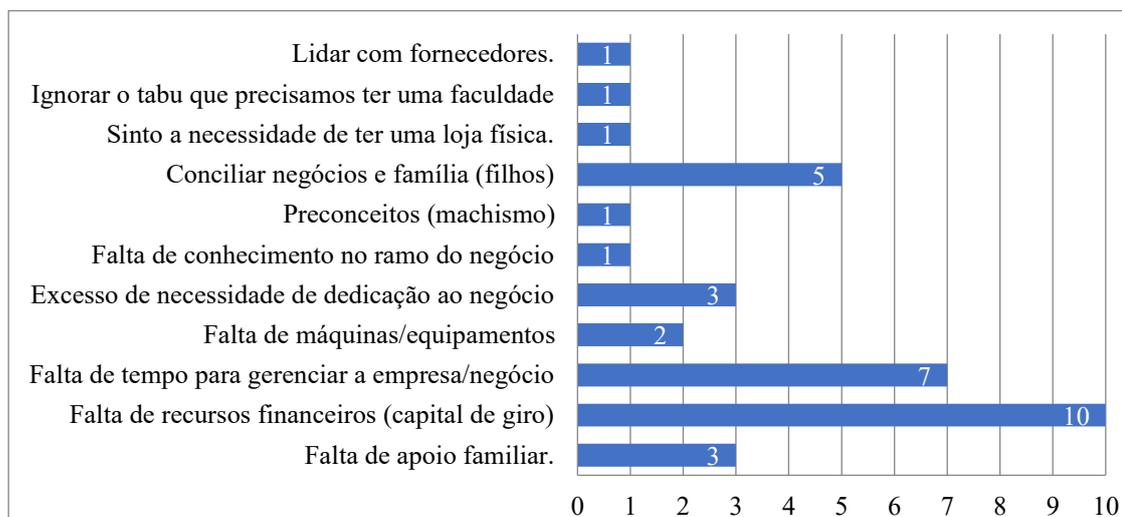
**Gráfico 2 – Mudança de rotina com a vinda do(s) filho(s)**



**Fonte: Elaborado pelas autoras (2020)**

Mesmo diante disso, é grande o número de mulheres empreendedoras de sucesso. Como afirma Costa (2018), hoje em dia, as mulheres lidam com algo que antes era impossível: multitarefas, sendo mães, esposas, viúvas e conciliando casa com o trabalho.

No Gráfico 3 apresentam-se as razões desafiadoras que essas mulheres enfrentam em relação ao empreendedorismo. Nesta questão elas precisavam escolher apenas uma opção, que consideravam a mais desafiadora. O que mais teve número de respostas é o fato dessas mulheres terem poucos recursos financeiros (28,6%) e, em segundo lugar, falta de tempo para gerenciar (20%) e em terceiro lugar (14,3%) conciliar o tempo entre família e trabalho.

**Gráfico 3 – Razões desafiadoras do empreendedorismo feminino**

**Fonte: Elaborado pelas autoras (2020)**

Em relação à questão anterior, representada no Gráfico 3, foi questionado na sequência (Questão 9) se as participantes teriam algum comentário a fazer sobre as dificuldades enfrentadas para empreender.

As respostas nos levam a crer que são várias as dificuldades, como, por exemplo: administrar o tempo com as necessidades do dia a dia, como família e filhos; a concorrência também é uma preocupação; falta de capital de giro; preconceito por ser mulher; necessidade de ajuda com todas as tarefas da empresa. Abaixo seguem algumas respostas que mais chamam a atenção.

Por ser nova e mulher, muita gente não dá valor, reconhecimento, não acreditou que eu poderia crescer, até hoje as pessoas, principalmente homens e os mais velhos, fazem comentários duvidando de ser tudo mérito meu.

Sou uma empresa "de uma pessoa só" por isso minha dificuldade é dar conta de todas as tarefas que minha empresa exige, orçamentos, inbox, contabilidade, marketing, cuidar das redes sociais, responder dúvidas de clientes e alunos, trabalhar na arte digital e depois na produção.

É necessário muito investimento de tempo e dedicação, principalmente no início para fazer um negócio bem sucedido. Mesmo depois, não podemos acomodar nunca.

A questão 10 busca compreender a percepção das participantes com relação ao enfrentamento dos desafios. Os dados apontam que 74,3% conseguem lidar bem com os problemas, porém se sentem desgastadas. Chama atenção o fato de quase 6% das participantes

dizerem que não conseguem lidar com os problemas. Isso pode ser um grande problema para essas mulheres, culminando em adoecimento, principalmente com relação à saúde mental.

Já a questão 11 busca compreender a percepção das participantes com relação às vantagens dos homens perante as mulheres. O resultado mostra que 60% das empreendedoras sentem que os homens têm mais vantagens no empreendedorismo. Destas, 54% acham que essa vantagem se dá de maneira parcial e 6% acham que a vantagem é total.

A última questão se trata de uma questão livre na qual as participantes podiam fazer algum comentário sobre a inequidade (injustiça, parcialidade) de gêneros (masculino/feminino) no empreendedorismo. Abaixo estão algumas respostas de participantes distintas, cada qual denominada com um número para indicar essa diferenciação.

A mulher sempre precisa provar que sabe, que tem capacidade e conhecimento, está quase sempre sofrendo julgamentos, o que torna o processo de empreender bem mais desgastante, além de todas as dificuldades inerentes. (PARTICIPANTE 1)

Na minha percepção o homem empreendedor tem mais estímulo e ajuda, principalmente por parte da família, pois para muitos a mulher deve ter como prioridade questões ligadas ao lar e aos filhos e posteriormente pensar em outras coisas, já para os homens esse pensamento é quase que inverso, ou seja, primeiro devem pensar no seu trabalho (negócio). Ainda hoje é um tabu a mulher "deixar" seus afazeres naturais para buscar uma independência, ainda mais se ela for dona do seu negócio. Não vivo isso com meu marido, mas ouço muito quanto a essas questões de pessoas até mesmo da família. (PARTICIPANTE 2)

Acredito que isso, infelizmente seja uma realidade em todas as áreas e não apenas no empreendedorismo. (PARTICIPANTE 3)

Alguns fornecedores / vendedores tem um olhar machista e preconceituoso ao realizar negociações com mulheres. A gestão dos colaboradores muitas vezes se torna difícil pelo mesmo motivo. (PARTICIPANTE 4)

Dependendo da área de atuação existe sim diferenças apenas pelo gênero, o que é uma situação muito retrógrada e injusta, porém enraizada na sociedade. (PARTICIPANTE 5)

Trabalhamos tanto como eles ou até mais, porque temos que continuar nosso trabalho em casa! Mas não somos reconhecidas por isso! (PARTICIPANTE 6)

Muitos fornecedores acham que por sermos mulheres somos mais fáceis de "enrolar" e muitas vezes querem nos passar a perna. (PARTICIPANTE 7)

Trabalho no ramo de Doces que visualmente tem uma porcentagem maior de mulheres, mas vejo muitas competindo entre si, quando poderiam estar se ajudando e fortalecendo. Além da pressão de uma sociedade culturalmente machista que presume que nós mulheres seremos impecáveis no quesito "cozinha" ainda temos que lidar com competições entre si. Nos outros meios vejo que mulheres sempre tem mais dificuldades de serem independentes e mais ainda empreendedoras, por conta dessa pressão machista que vem de fora ou muitas vezes até mesmo de familiares e pessoas

próximas. Principalmente quando o ramo que ela escolhe não está dentro dos "padrões". (PARTICIPANTE 8)

As questões 11 e 12 sugerem que o empreendedorismo feminino ainda é permeado de desafios no que se refere às oportunidades para as mulheres em relação aos homens. A pesquisa também mostrou que, em alguns setores, as mulheres acabam tendo mais oportunidades, mas são setores geralmente relacionados à cosméticas e alimentos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostram que o perfil das empreendedoras que participaram desta pesquisa na cidade de São Carlos-SP é similar ao do GEM (2012) nos aspectos: tempo de empreendedorismo, a faixa etária, estado civil e a quantidade de filhos. Com relação a empreender por necessidade, pode-se observar que elas não empreendem por necessidade e a maioria empreende por vontade de sucesso. Podemos notar que o perfil delas não há predominância em conflitos trabalho/família. Porém, há desgastes em relação a múltiplos papéis, evidenciando a importância de apoio emocional.

Esta questão do desgaste é bem interessante pois mostra também uma falta de oportunidades para as mulheres. Ou seja, embora elas sejam plenamente capazes de serem bem sucedidas e empoderadas, como se pode observar em muitos casos de sucesso no Brasil, o esforço que elas têm que fazer para isso é maior que o esforço que os homens precisam fazer. Isto fica evidente também nas respostas que elas deram às questões 11 e 12.

Neste sentido, observa-se, também, que essas mulheres sentem que possuem menos vantagens que os homens no empreendedorismo. Esta percepção vai ao encontro de muitos estudos encontrados na literatura brasileira e mundial. Estes estudos ilustram o “teto de vidro” que existe no progresso das mulheres e que ainda é muito evidente. É evidente também que existem outras questões envolvidas que são inerentes às dificuldades encontradas por todos os empreendedores brasileiros, não apenas as mulheres, como, por exemplo, a questão dos recursos financeiros. No entanto, para além dos problemas comuns que as mulheres enfrentam, também precisam lidar com os problemas de uma sociedade na qual o machismo é estrutural e as oportunidades são limitadas.

Diante disso, a hipótese levantada no início desta pesquisa foi confirmada. Ou seja, é possível ser mãe e, paralelamente, lidar com sua vida pessoal, sua família e seu negócio, porém,

o esforço que a mulher terá que fazer para isso é muito maior. Este trabalho cumpriu com seu objetivo e tem o propósito de contribuir com o debate acadêmico acerca das desigualdades entre homens e mulheres e dos desafios enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho, em especial a conciliação do trabalho com os afazeres domésticos e a família, principalmente os filhos.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, R. O.; BATISTA, L. E. Empreendedorismo Feminino: Razão do empreendimento. **Núcleo de Pesquisa da FINAN**, 2012.

COSTA, F. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. **Pretextos** - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas. v. 3, n. 6, jul./dez. 2018.

GEM, **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Executivo. 2010. Disponível em: [https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/livro\\_gem\\_2010.pdf](https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/livro_gem_2010.pdf). Acesso em: 06 dez 2020.

GEM. **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Executivo. 2012. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/gem%20relat%C3%B3rio%20executivo%202012.pdf>. Acesso em: 06 dez 2020.

GEM. **Empreendedorismo no Brasil**. Relatório Executivo. 2016. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/GEM%20Nacional%20-%20web.pdf>. Acesso em: 06 dez 2020.

GOMES, A. F. O perfil empreendedor de mulheres que conduzem seu próprio negócio: um estudo na cidade de Vitória da Conquista. **Revista Alcance**. Itajaí, v. 11, n. 2, p. 207-226, maio/ago 2004.

GOMES, A. F.; SANTANA, W. P. G.; SILVA, J. M. Mulheres empreendedoras: desafios e competências. **Técnica administrativa**, Buenos Aires, v. 4, n. 24, out./dez. 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Mensal de Emprego. **Evolução do emprego com carteira de trabalho assinada**. 2003-2012. Disponível em: [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:nbs3O6nYMYJ:ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa\\_Mensal\\_de\\_Emprego/Estudos/Evolucao\\_emprego\\_carteira\\_trabalho\\_assinada.pdf+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:nbs3O6nYMYJ:ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/Estudos/Evolucao_emprego_carteira_trabalho_assinada.pdf+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 06 dez 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Demografia das Empresas e Estatísticas de Empreendedorismo. Estudos e Pesquisas. **Informação Econômica**, n. 33. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

- LEONE, E. T.; TEIXEIRA, M. O. As mulheres no mercado de trabalho e na organização sindical. In.: XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu - MG – **Anais...** Caxambu, 2010.
- LIMA, G. S; CARVALHO NETO, A.; LIMA, M. S.; TANURE, B.; VERSIANI, F. O teto de vidro das executivas brasileiras. **Revista Pretexto**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, pp. 65-80, out./dez. 2013.
- MACEDO, J. R. **A Mulher na Idade Média**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- MOREIRA, M. C. **A violência entre parceiros íntimos: o difícil processo de ruptura**. Rio de Janeiro. 2005. 102 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- PERROT, M. **As mulheres ou o silêncio da história**. Bauru: EDUSC, 2005.
- PRONI, T. T.; PRONI, M. W. Discriminação de gênero em grandes empresas no Brasil. **Revista Estudos Femininos**, v. 26, n. 1. Florianópolis, 2018.
- QUENTAL, C.; WETZEL, U. Equilíbrio trabalho-família e empreendedorismo: a experiência das mulheres brasileiras. In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Salvador. **Anais...** Salvador, 2002.
- SANTOS, C. M. M.; TANURE, B.; CARVALHO NETO, A. M. Mulheres executivas brasileiras: O teto de vidro em questão. **Revista Administração em Diálogo**, v. 16, n. 3, p. 56-75, 2014.
- SEBRAE. Empreendedorismo no Brasil. **Relatório Especial**. 2019. Disponível em: [https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019\\_v5.pdf](https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/Empreendedorismo%20Feminino%20no%20Brasil%202019_v5.pdf). Acesso em: 06 dez 2020.
- SILVA, J. V. A. A Relação trabalho e família de mulheres empreendedoras. **Perspectivas Contemporâneas**, Campo Mourão, v. 1, n. 1, jan./jul., 2006.
- SOUZA, D. I. et al. **Manual de orientações para projetos de pesquisa**. Novo Hamburgo: FESLSVC, 2013.
- STROBINO, M. R. de C.; TEIXEIRA, R. M. Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. **Revista de Administração**. São Paulo, v. 49, n. 1, p. 59-76, jan./fev./mar. 2014.